

Nomeado por Paul J. Crutzen e Eugene F. Stoermer em artigo publicado no ano 2000, o termo “Antropoceno” vem cada vez mais abarcando áreas do conhecimento para além das Ciências da Natureza. O termo, originalmente concebido para designar uma nova época geológica em que as atividades humanas afetam a estrutura do planeta de maneira jamais vista, tornou-se crucial para investigações conduzidas por disciplinas que compõem as chamadas ciências do sistema Terra, como climatologia, geoquímica e oceanografia (HAMILTON et al, 2015, p.2)

O Antropoceno é normalmente associado ao que se convencionou chamar de “crise climática”, termo utilizado para designar um vasto conjunto de mudanças no sistema Terra causado por atividades antropogênicas e que põe em risco vidas humanas e não-humanas. Mesmo que alertas de cientistas contra o que se chamava no senso-comum de “destruição da natureza” ocorram pelo menos desde o século XVIII, é apenas a partir do final do século XX que a acentuada alteração em variados elementos da vida terrestre se torna uma preocupação sociopolítica em nível global.

Ao levarmos em consideração o *antropos* que compõe o Antropoceno, i.e. o “humano”, é natural que as ciências ditas “humanas” tenham particular interesse nesse novo período geológico. Campos do saber como a filosofia, a sociologia e os estudos literários cada vez mais vêm se debruçando sobre as temáticas relativas ao Antropoceno, não apenas para investigar as possíveis razões antropogênicas (ou seja, causadas pelo ser humano) da crise climática, mas também debater como a humanidade vai reagir a mudanças extremas e por vezes inesperadas no Sistema Terra.

Vários autores contemporâneos têm, cada vez mais, tematizado aspectos da crise climática em suas obras. Nas últimas décadas, diversos escritores passaram a lidar com temas ambientais a partir de uma perspectiva apocalíptica, onde a vida humana na Terra estaria em vias de extinção ou então correndo o risco de ser altamente prejudicada. Contudo, mais recentemente, parece que vem surgindo uma nova tradição de escrita que está expandindo os limites narrativos da ficção especulativa (e, mais especificamente, da “ficção climática”). Ao propor tematizações híbridas

¹ Professor associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

que embaçam os limites entre natureza/cultura, humano/não-humano e ficção científica/ficção literária, essas obras reconfiguram a capacidade da literatura contemporânea narrar o Antropoceno. Dentre essa excepcional e crescente categoria, encontra-se o texto que constitui o objeto de investigação deste trabalho: a novela “Bugônia”, incluída na obra *O deus das avencas* (2021), de Daniel Galera.

Antes mesmo de escrever a novela em questão, Galera já vinha demonstrando sua inquietação com questões relacionadas à crise climática em suas escritas de não-ficção. No ensaio “Ondas catastróficas”, publicado na Revista Serrote em 2019, o autor descreve aqueles que são, na sua opinião, os dois principais desafios da ficção no Antropoceno. O primeiro deles seria “a enxurrada de imagens” (GALERA, 2019) digitais que saturam o imaginário e parecem deixar pouco espaço para a criatividade. Usando como exemplo os diversos vídeos do desastre ecológico ocorrido em Brumadinho ocorrido no início de 2019, o autor discute como que, “diante do espetáculo da visibilidade total” (GALERA, 2019), surgem dificuldades para imaginar a realidade.

O segundo desafio mencionado por Galera, e no qual esse trabalho vai se concentrar, é a crise das estratégias de representação do real utilizadas no romance realista:

“O que parece anacrônico na era da visibilidade total, quando se fala em literatura, é o tipo de romance realista ainda hegemônico, o modelo de narrativa masculina e burguesa por excelência, atenta à metódica construção psicológica dos personagens e à representação detalhada e naturalista do real” (GALERA, 2019).

O autor complementa que “ao mesmo tempo, literaturas ditas de gênero, como ficção científica, fantasia e horror, vicejam com novas ideias e perspectivas, retratando a aventura humana com uma liberdade e um verniz estético distanciados do realismo vigente” (GALERA, 2019). Diante dessa inquietação sobre estratégias realistas de representação que não mais dão conta das complexidades de um real imerso em visibilidade total e crise climática, o autor parece que apresentar, com a novela “Bugônia”, um novo modelo de escrita ficcional mais condizente com as perspectivas da contemporaneidade.

Terceira e última novela que compõe a obra *O deus das avencas* (as outras duas se chamam “O deus das avencas” e “Tóquio”), “Bugônia” é uma espécie de narrativa pós-apocalíptica que se concentra nos habitantes de uma comunidade chamada de “Organismo”. O enredo se desenrola em mundo assolado pela crise climática, caracterizada por um calor extremo, e por um vírus mortal, que dizimou grande parte da população. A protagonista da novela, Chama,

assim como outros personagens, sobrevive ao vírus por meio de uma peculiar aliança que estabelece com colmeias de abelhas: cadáveres de membros da comunidade são oferecidos às abelhas que, em contrapartida, fornecem o “necromel”, espécie de imunizante que protege contra o vírus. Contudo, quando um astronauta que vagava pelo espaço cai na comunidade, Chama terá de encarar o desafio de preservar os frágeis laços que mantêm o Organismo unido.

Acreditamos que “Bugônia” aborda alguns dos desafios da crise climática, narrando os modos pelos quais a rápida deterioração do meio ambiente e as mudanças no clima afetam a subjetividade dos personagens e suas relações sociais. Por outro lado, a novela também abre novas formas de narrar o Antropoceno para além de uma visão catastrofista limitadora. Isso se dá basicamente a partir de três perspectivas para ficcionalizar essa nova era geológica: uma perspectiva global, uma perspectiva pós-antropocêntrica e uma perspectiva especulativa.

Diante da gravidade da crise evidenciada pelo Antropoceno, termos como “ecologia” ou simplesmente o “meio ambiente” não conseguem dar conta das complexas relações que se estabelecem entre as diferentes esferas que compõem a possibilidade de existência de vida na Terra. Alguns cientistas preferem o termo “ciências do Sistema Terra” (LATOURET, 2017, p.85)² para descrever essas intrincadas conexões. Contudo, uma das mais influentes teorias sobre essa questão é a hipótese de Gaia, postulada pelo químico James Lovelock e pela microbiologista Lynn Margulis na década de 1970.

Em linhas gerais, a hipótese de Gaia estabelece que a habitabilidade da Terra por tantos anos é produto da ação dos próprios seres vivos. As primeiras plantas e algas capazes de fotossíntese, três bilhões de anos atrás, produziram oxigênio e ajudaram na formação da camada de ozônio, o que possibilitou o surgimento de animais. Portanto a vida, i.e. os próprios seres vivos, ao agir nesses processos biogeoquímicos, contribui para estabilizar o sistema Terra. Assim sendo, configura-se uma perspectiva global “não no sentido da famosa foto do ‘planeta azul’ mas porque modelos globais criados por computador são necessários para compreender as intrincadas relações processuais que tiveram interferência da atividade humana” (STENGERS, 2015, p.137)³.

A filósofa Isabelle Stengers levou essa ideia mais longe ao propor, em 2009, o conceito de “intrusão de Gaia”. De acordo com a pensadora, Gaia seria um superorganismo, um sistema

² Sciences of the Earth System

³ not in the sense of the famous ‘blue planet’ picture but because global computer models are required to grasp the intricate processual couplings which human activity has interfered with.

autorregulado composto por uma natureza que não é nem frágil, nem ameaçadora, e nem pode ser entendida como mero recurso. Ela na verdade se introduz de tal maneira na história humana que os indivíduos terão de lidar com ela não como um problema, mas como uma nova condição. Stengers afirma:

Não é uma questão de “um momento ruim que vai passar”, seguido de algum tipo de final feliz – no sentido canhestro de “problema resolvido”. Nós não estamos mais autorizados a esquecê-la. Nós teremos que continuar respondendo por aquilo que estamos fazendo em face de um ser implacável que é surdo para nossas justificativas (STENGERS, 2015, p.47)⁴.

Em “Bugônia”, a Terra é representada como um organismo que responde às regulares ações deletérias da humanidade (as ações antrópicas que se configuram como principal causa da crise climática). Da mesma forma que um vírus matou grande parte dos indivíduos, os humanos destruíram boa parte do planeta. Como diz um personagem: “O planeta é um corpo e nós já fomos sua peste do sangue” (GALERA, 2021, p. 210). A reação do planeta às empreitadas desenvolvimentistas que deram origem ao Antropoceno – queima de combustíveis fósseis, desmatamento, consumo desenfreado – é justamente sua “intrusão” na história humana, como afirma Stengers.

A maneira mais evidente em que isso acontece na novela é o que os personagens chamam de “o grande calor” (GALERA, 2021, p.179). O aquecimento global chegou a níveis alarmantes ao ponto de prejudicar a cadeia de abastecimento de alimentos e levar a graves problemas de saúde. Dessa forma, pode-se dizer que “Bugônia” explicita o outro lado da moeda da hipótese de Gaia. Se na perspectiva de Lovelock, são os seres vivos que tornam o planeta habitável para si próprios, diante do Antropoceno os seres humanos são os causadores da destruição do planeta, o que pode ser o germe de sua própria extinção.

Ironicamente, o Antropoceno (literalmente a “era do humano”) inaugura possibilidades de interpretações do mundo por meio de uma perspectiva pós-anthropocêntrica. Diante da intrusão de Gaia, o *antropos* perde sua posição de excepcionalidade e superioridade (que talvez nunca tenha tido) para se reconhecer como pertencente a uma rede de seres e sistemas que compõem os mais variados ecossistemas. Além disso, como afirmam os antropólogos Eduardo Viveiros de Castro e Debora Danowski, é necessário superar a noção de universalidade do *antropos*:

⁴ It is not a matter of a “bad moment that will pass”, followed by any kind of happy ending – in the shoddy sense of a “problem solved”. We are no longer authorized to forget her. We will have to go on answering for what we are undertaking in the face of an implacable being who is deaf to our justifications.

O que o Antropoceno põe em xeque, justamente, é a própria noção de *anthropos*, de um sujeito universal [...] capaz de agir como um só *povo*. A situação propriamente *etnopolítica* do “humano” como multiplicidade intensiva e extensiva de *povos* deve ser reconhecida como implicada diretamente na crise do Antropoceno. Se não existe um interesse universal humano *positivo*, é porque existe uma diversidade de alinhamentos políticos dos diversos povos ou “culturas” mundiais com muitos outros actantes e povos não-humanos [...] *contra* os auto-intitulados porta-vozes do Universal (DANOWSKI & VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p.121).

Diante dessa perspectiva de derrocada da excepcionalidade do *anthropos*, uma das mais cruciais marcas do Antropoceno torna-se evidente: o entrelaçamento da história humana e da história “natural”. Historiadores até meados do século XX acreditavam que as únicas ações dignas de serem consideradas formadoras da história seriam aquelas relacionadas ao humano. Os eventos da natureza seriam meras ocorrências, desafetadas e quase automáticas (CHAKRABARTY, 2013, p.6). Porém, a crise climática que configura o Antropoceno expande os limites da história ao explicitar o quanto a existência humana é posta em xeque diante das instabilidades cataclísmicas do sistema Terra. Sendo assim, como diz Chakrabarty,

[e]xplicações antropogênicas acarretam o fim da velha distinção humanista entre história natural e história humana e acabam por retornar à pergunta [...]: como a crise da mudança climática fala a nosso senso de universais humanos, ao mesmo tempo pondo em questão nossa capacidade de compreensão histórica? (CHAKRABARTY, 2013, p.5)

Isso ilustra o abalo que o Antropoceno produz em uma ideia de excepcionalidade humana fundada na tradição iluminista. Quando se entende natureza-cultura como uma entidade coesa, se torna impossível reconhecer apenas o humano como detentor de subjetividade, pois entes não-humanos passam a ser entendidos como “pessoas” no sentido de possuírem também agência e identidade. Como afirmam Bonneuil e Fressoz:

O problema histórico, portanto, não é a emergência de uma ‘consciência ambiental’, mas o contrário: entender a natureza esquizofrênica da modernidade, que continuou a ver os humanos como produtos de seu ambiente ao mesmo tempo em que os deixou deteriorá-lo e destruí-lo. (BONNEUIL & FRESSOZ, 2016, p.183)⁵

“Bugônia” tematiza essa aproximação entre a história natural e a história humana a partir da aliança que se forma entre os habitantes do Organismo e as abelhas. Dessa forma, vê-se naqueles insetos mais do que simplesmente um membro de outra espécie que serve como pano

⁵ The historical problem, therefore, is not the emergence of an ‘environmental awareness’ but rather the reverse: to understand the schizophrenic nature of modernity, which continued to view humans as the products of their environment at the same time it let them damage and destroy it.

de fundo para a história humana: “As abelhas pareciam simples até começarem a comer nossos mortos e produzir em troca nosso remédio” (GALERA, 2021, p.183). Esse arranjo interespecies rompe a dicotomia “natureza-cultura” para demonstrar o quanto seres vivos, em especial em um contexto de crise ambiental, estão conectados. Os personagens reconhecem, portanto, que “nosso modo de vida é fazer aliados” (GALERA, 2021, p.176).

Essas alianças entre seres humanos e outras espécies podem ser lidas à luz do conceito de “espécies companheiras” cunhado pela pensadora Donna Haraway. Para a autora,

“nenhuma espécie, nem mesmo a nossa própria que de forma arrogante finge ser feita de bons indivíduos em roteiros ocidentais ditos modernos, age sozinha; associações de espécies orgânicas e agente abióticos criam a história, do tipo evolutivo e de outros tipos também (HARAWAY, 2015, p.159)⁶.

Tais associações ou “alianças” entre espécies, como as estabelecidas em “Bugônia”, são o que a autora chama de “formar parentesco”. Dessa forma, surgem responsabilidades e trocas que validam a própria existência e também a do outro, reconhecendo diferenças ao mesmo tempo que as possibilidades de aliança se expandem. No lugar do antropocentrismo universal, privilegia-se o companheirismo entre as espécies.

Para além de uma perspectiva global e uma perspectiva pós-antropocêntrica, talvez a principal maneira que “Bugônia” responde às inquietações mencionadas por Daniel Galera em seu texto de não-ficção seja por meio da adoção de uma perspectiva especulativa. No final do século XX, com a maior conscientização do público em geral sobre o fenômeno do aquecimento global, alguns autores passaram a lidar com temas ambientais a partir de uma perspectiva estritamente apocalíptica, onde a vida humana na Terra estaria em vias de extinção.

Em geral, nesse tipo de narrativa persiste a ideia de que a natureza rodeia e influencia os acontecimentos humanos, mas não participa deles. Da mesma forma, as ações humanas pouco têm efeito sobre uma natureza geralmente alheia aos eventos principais da narrativa, geralmente reservados aos personagens humanos. Sendo assim, a literatura das últimas décadas do século XX que discorre sobre a crise climática parece ser circunscrita aos limites da ficção científica e a uma separação entre os campos da natureza (ambiente, clima, vidas não-humanas) e cultura (sociedade, história, vida humana).

⁶ No species, not even our own arrogant one pretending to be good individuals in so-called modern Western scripts, acts alone; assemblages of organic species and of abiotic actors make history, the evolutionary kind and the other kinds too.

Porém, no século XXI, surge uma nova tradição de escrita literária que vêm expandindo não só os limites narrativos da ficção especulativa, mas da própria perspectiva que a mesma tem sobre a crise climática. Ao propor tematizações híbridas que embaçam os limites entre natureza/cultura, humano/não-humano e ficção científica/ficção literária, essas obras reconfiguram a capacidade de textos contemporâneos narrar o Antropoceno. Acreditamos que “Bugônia” faça parte dessa nova forma de escrita.

A própria visão pós-antropocêntrica que a novela adota, rejeitando um entendimento que reforça a separação entre natureza e cultura em favor de uma concepção que prioriza alianças entre as espécies, já denota o quanto “Bugônia” está em consonância com teorias contemporâneas. Por outro lado, por se tratar de uma ficção especulativa, ou até mesmo ficção científica, a obra pode ser considerada por críticos mais conservadores como “literatura de gênero”, no sentido de que seu escopo é muito limitado ou específico para abarcar as complexidades planetárias atuais. Isso se dá, em especial, porque aspectos climáticos e ambientais ainda hoje são categorizados como temas menores se considerarmos o tipo de narrativa desenvolvido em textos de ficção literária: geralmente focando em ações humanas e nas vidas interiores dos personagens. O filósofo Fredric Jameson aborda essa perspectiva de desdém geralmente direcionada à ficção científica da seguinte maneira:

O convencional repúdio da alta cultura com relação à ficção científica – sua estigmatização como puramente formulaica [...], reclamações sobre a ausência de personagens complexos e psicologicamente “interessantes” [...] – é provavelmente não uma questão de gosto pessoal, nem deve ser abordada por meio de argumentos puramente estéticos [...]. Nós devemos identificar aqui um tipo de repulsa genérica em que esse discurso formal e narrativo é o objeto de uma resistência psíquica como um todo e o alvo de um tipo de “princípio da realidade” literário. (JAMESON, 2005, p.xiv)⁷

É interessante notar que poucas coisas poderiam estar mais próximas de um “princípio de realidade” na contemporaneidade que a crise climática. Com as incontestáveis evidências científicas que comprovam a extinção da biodiversidade, alterações no clima em escala planetária e prováveis consequências devastadoras, pode-se dizer que, ao abordar essas

⁷ The conventional high-cultural repudiation of SF – its stigmatization of the purely formulaic (...), complaints about the absence of complex and psychologically “interesting” characters (...) – is probably not a matter of personal taste, nor is it to be addressed by way of purely aesthetic arguments (...). We must here identify a kind of generic revulsion, in which this form and narrative discourse is the object of psychic resistance as a whole and the target of a kind of literary “reality principle”.

temáticas, a ficção especulativa parece estar bastante próxima de representar os acontecimentos do mundo real.

A novela de Daniel Galera parece propor duas distintas visões para lidar com a tematização do Antropoceno usando como representantes dois personagens centrais. A primeira personagem é a Velha, espécie de líder do Organismo. De acordo com essa figura, que tem certa posição de liderança naquela comunidade, é essencial viver o presente em sua plenitude, libertando-se das amarras do passado:

Precisamos resistir a inventar o passado, ela ensina, esquecer os relatos e desfazer os registros. Não há necessidade de passado, pois o presente guarda todos os indícios que precisamos para manter o Organismo vivo [...] Além disso o passado reforça a identidade, e a identidade é o veneno das comunidades. O pertencimento é uma ilusão e uma deformidade do medo. A Velha aboliu a lembrança e entronou a experiência (GALERA, 2021, p.176-177)

Em contraposição à figura da Velha, há o personagem Alfredo, um habitante que se estabeleceu no Organismo e que rapidamente conseguiu formar um grupo de seguidores. Para ele, é importante reconhecer o passado e aprender com suas lições, para dessa forma entendermos melhor o nosso presente:

Alfredo trouxe livros. E Alfredo escreve há décadas um relato do que aconteceu com a terra, misturando suas lembranças com as lembranças das pessoas com quem conversa [...] Alfredo diz que sem lembrança não saberemos evitar os erros e tentações que conduziram às catástrofes. Que mesmo para viver apenas no presente precisamos construir um sentido para a vida que se estenda no tempo e no espaço (GALERA, 2021, p.177)

Esses diferentes entendimentos sobre experiência e identidade, representados pela Velha e por Alfredo, podem ser lidos como modos de tematizar a realidade do Antropoceno por meio de uma perspectiva especulativa. No primeiro caso, um texto literário pode se concentrar exclusivamente no presente no sentido de que este presente é o passado de algo que está por vir, e dessa forma demonstrando a urgência de uma ação coletiva por parte da humanidade para evitar efeitos ainda mais devastadores da crise climática. No segundo caso, a ênfase de textos literários em discursos do passado pode contribuir para um entendimento maior das origens do Antropoceno, para assim conscientizar melhor o público leitor sobre os riscos e a dimensão da crise climática.

Assim sendo, a novela “Bugônia” de Daniel Galera pode ser interpretada como um dos mais ricos textos da literatura contemporânea brasileira a abordar os desafios do Antropoceno.

Por meio de uma narrativa que adota uma perspectiva global, pós-antropocêntrica e especulativa, o texto abre possibilidades de interpretação sobre a crise climática para além da dicotomia natureza/cultura, além de destacar a importância da construção de alianças entre humanos e não-humanos para a convivência nessa nova realidade.

REFERÊNCIAS

- BONNEUIL, C & FRESSOZ, J. *The Shock of the Anthropocene*. London: Verso, 2016.
- CHAKRABARTY, Dipesh. “O Clima da História: Quatro Teses”. In: *Sopro*, n.91, p.4-22, 2013.
- CRUTZEN, Paul & STOERMER, Eugene. “The Anthropocene”. In: *IGBP newsletter*, n. 41, p.17-18, 2000.
- DANOWSKI, Debora & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2014.
- GALERA, Daniel. *O deus das avencas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- GALERA, Daniel. “Ondas catastróficas”. *Serrote* 32: pp.208-223, 2019. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2019/10/ondas-catastroficas-por-daniel-galera/>
- HAMILTON, Christoph. et al. “Thinking the Anthropocene”. In: HAMILTON, et al. *The Anthropocene and the Global Environmental Crisis*. New York: Routledge, 2015.
- HARAWAY, Donna. “Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin”. In: *Environmental Humanities*, vol.6, 2015, pp. 159-165.
- LATOUR, Bruno. *Facing Gaia*. Cambridge: Polity Press, 2017.
- STENGERS, Isabelle. “Accepting the reality of Gaia”. In: HAMILTON, et al. *The Anthropocene and the Global Environmental Crisis*. New York: Routledge, 2015.
- STENGERS, Isabelle. *In catastrophic times*. Luneburg: Open Humanities Press, 2015.